

REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE OS EFEITOS DO USO DE CRACK NO CICLO REPRODUTIVO, GRAVÍDICO-PUERPERAL E NA INFÂNCIA EM LONGO PRAZO

INTEGRATIVE REVIEW ON THE EFFECTS OF CRACK USE ON THE REPRODUCTIVE, GRAVIDIC-PUERPERAL CYCLE AND LONG-TERM CHILDHOOD

Recebido em: 24/06/2021

Aceito em: 23/08/2021

GABRIELLA BUSNELLO FELIPE¹
PAMELA CRISTINA TOTY DOS SANTOS²
ISABELLA BUSNELLO FELIPE³
SAMARA MARCHETTI DE FREITAS⁴
PATRÍCIA RIBEIRO MATTAR DAMIANCE⁵

¹ *Graduanda do 4º ano de medicina, Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA), Assis, São Paulo, Brasil, 19.807-655, gabibusnellofelipe@gmail.com.*

² *graduanda do 4º ano de medicina, Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA), Assis, São Paulo, Brasil, 19.807-655, pamela_toty2@hotmail.com.*

³ *Médica formada pelo Centro Universitário de Votuporanga, Assis, São Paulo, Brasil, 15.500-006, isabusnellofelipe@gmail.com.*

⁴ *Graduanda do 4º ano de medicina, Fundação Educacional do Município de Assis, Assis, São Paulo, Brasil, 19.807-655, samara_m_freitas@hotmail.com.*

⁵ *doutora em Ciências Odontológicas Aplicadas, Fundação Educacional do Município de Assis, Assis, São Paulo, Brasil, 19.807-655, patricia.mattar@alumni.usp.br.*

Autora correspondente:

PATRÍCIA RIBEIRO MATTAR DAMIANCE

E-mail: patricia.mattar@alumni.usp.br

REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE OS EFEITOS DO USO DE CRACK NO CICLO REPRODUTIVO, GRAVÍDICO-PUERPERAL E NA INFÂNCIA EM LONGO PRAZO

INTEGRATIVE REVIEW ON THE EFFECTS OF CRACK USE ON THE REPRODUCTIVE, GRAVIDIC-PUERPERAL CYCLE AND LONG-TERM CHILDHOOD

RESUMO

Este estudo buscou analisar obras e publicações latino-americanas e caribenhas sobre os efeitos do consumo de crack no ciclo reprodutivo da mulher, gravídico-puerperal e na infância em longo prazo. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura desenvolvida na base de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde e na Scientific Electronic Library Online por meio da palavra crack isolada e associada a outras palavras em equações de busca, entre janeiro de 2010 e julho de 2020, amparada por duas questões norteadoras e por critérios de inclusão e exclusão de estudos. A amostra final constituiu-se por 19 artigos de um total de 825 publicações. A revisão não resultou em uma síntese que apresentasse evidências sobre os efeitos do uso de crack no ciclo reprodutivo, gravídico-puerperal e na infância em longo prazo e nem sobre as razões desses efeitos e fatores interferentes. À vista disso, permanecem as evidências geradas no período anterior ao estipulado por esta revisão que indicam algum tipo de uso e de abuso de crack por mulheres/gestantes e de piores desfechos maternos, perinatais e neonatais.

Palavras-chave: Crack. Gestação. Criança. Saúde Pública.

ABSTRACT

This study sought to analyze Latin American and Caribbean works and publications on the long-term effects of crack consumption on women's reproductive cycle, pregnancy and childbirth and childhood. This is an integrative literature review developed in the database of Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences and Scientific Electronic Library Online using the word crack isolated and associated with other words in search equations, between January 2010 and July 2020, supported by two guiding questions and inclusion and exclusion criteria for studies. The final sample consisted of 19 articles from a total of 825 publications. The review did not result in a synthesis that presented evidence on the long-term effects of crack use on the reproductive, pregnancy-puerperal and childhood cycles, nor on the reasons for these effects and interfering factors. In view of this, the evidence generated in the period prior to that stipulated by this review remains, indicating some type of use and abuse of crack by women/pregnant women and worse maternal, perinatal and neonatal outcomes.

Keywords: Crack. Gestation. Kid. Public health.

INTRODUÇÃO

O consumo de drogas psicoativas, lícitas ou ilícitas, por mulheres em idade fértil e o seu aumento, já pode ser considerado um fato, que não é contemplado - e nunca foi - pelas políticas públicas de eliminação do consumo e da produção de drogas, de criminalização, de patologização e de medicalização dos usuários. Essa situação tem determinado um complexo cenário na saúde pública e na materno-infantil, em particular, no Brasil. Apesar da ausência de produção científica suficiente para se discutir o consumo de drogas, na gestação, em especial do crack, há indícios de que mulheres consomem mais de uma droga, de forma recreativa ou crônica, inclusive as mulheres grávidas, em todas as fases da gestação e isso não as impedem de exercer a maternidade, a amamentação e os cuidados com o neonato, mesmo possuindo representações negativas sobre o consumo de drogas na gestação (BOTELHO; ROCHA; MELO, 2013; CAMARGO *et al.*, 2019; KASSADA *et al.*, 2013; MACEDO; ROSO, LARA, 2015; RAMIRO *et al.*, 2018; PEREIRA *et al.*, 2018; RODRIGUES, D. *et al.*, 2012; RODRIGUES, A. *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2014; SILVA; QUEIROZ, 2018; UNODC, 2016; XAVIER *et al.*, 2017).

No cenário dos direitos da mulher, o exercício do direito à privacidade e à intimidade em não verbalizar o uso de substâncias ilícitas aos profissionais de saúde precisa ser respeitado já que muitos também possuem representações sociais negativas sobre o uso de drogas na gestação, assim como estereótipos de gênero (CAMARGO *et al.*, 2018; SILVA; PEREIRA; PENNA, 2018).

O exercício desses direitos tem de ser discutido e colocado em pauta junto ao poder público e órgãos da sociedade que atuam em prol da saúde da mulher e da criança, pois muitas mulheres desconhecem os efeitos tóxicos e bioquímicos que as drogas provocam no organismo materno-fetal, as repercussões psicossociais do uso entre mulheres - aumento dos níveis de violência, de criminalidade, de transtornos psiquiátricos, de exposição a comportamentos sexuais de risco a infecções sexualmente transmissíveis (IST) - e risco de desenvolvimento de doenças em vários sistemas orgânicos (CAMARGO *et al.*, 2019; KASSADA *et al.*, 2013; MACEDO; ROSO; LARA, 2015; RAMIRO *et al.*, 2018; RODRIGUES *et al.*, 2012; SILVA *et al.*, 2014; SILVA; QUEIROZ, 2018; UNODC, 2016; XAVIER *et al.*, 2017).

A literatura especializada afirma que o diagnóstico precoce do consumo de substâncias psicoativas por mulheres e gestantes favorece os processos de intervenção na Atenção Básica (AB) e o acesso a serviços especializados, potencializando a prevenção de patologias e sequelas fetais e neonatais. Outros constructos científicos relacionam o diagnóstico precoce do consumo de drogas lícitas e ilícitas pela mulher à mortalidade neonatal mais baixa - quando este diagnóstico favorece o acesso ao parto e ao nascimento em serviços terciários especializados. Nestes serviços, a chance do Recém-Nascido (RN) receber os

cuidados apropriados de reanimação neonatal, de correção de alterações fisiológicas ou clínicas, é maior, principalmente pela natureza do serviço e pela compreensão ampliada da equipe sobre os riscos da exposição fetal a vários tipos de drogas e de metabólitos tóxicos (BRASIL, 2014; KASSADA *et al.*, 2013).

Muitas substâncias lícitas e ilícitas aumentam o risco de alterações gestacionais, tais como: eclampsia, descolamento prematuro da placenta, aborto espontâneo, crises hipertensivas e redução da oxigenação uterina, constituindo-se em riscos bastante significativos no período perinatal e ultrapassam a barreira placentária, em fluxos e quantidades ainda desconhecidos, atuando principalmente no SNC do embrião/feto, acarretando déficits cognitivos ao RN, má formação cerebral, síndrome de abstinência e até anomalias congênitas, como hidrocefalias, problemas cardíacos, fissura de lábio e palato e alterações no aparelho digestivo e urinário e baixo peso ao nascer, conforme descrito por Cruz, Vargens e Romôa (2014), Kassada *et al.* (2013), Gasparin *et al.* (2012), Martins-Costa *et al.*, (2013), Oliveira *et al.*, (2016), Pechansky *et al.* (2014) e Xavier *et al.*, 2017.

Especificamente em relação ao crack, as alterações gestacionais, do desenvolvimento fetal e do funcionamento mental, corporal e neurocomportamental dos expostos podem estar relacionadas aos efeitos da droga no fluxo sanguíneo cerebral, no tronco encefálico, na bainha de mielina, nas células da glia e nos processos de produção e liberação de agentes neurotransmissores, independentemente do tempo de exposição à droga (BRASIL, 2014; SULZER, 2011; WEICH; TOCHETTO; SELIGMAN, 2012).

Pessoas que utilizam crack apresentam déficits no processamento cognitivo e no monitoramento de respostas, além de níveis elevados de impulsividade, que podem ocasionar situações de risco para abuso de drogas, recaídas e comportamentos violentos e negligentes consigo e com os filhos. Esses comportamentos podem mobilizar preconceitos e intolerâncias em profissionais de saúde, que acabam por afastar mulheres/gestantes usuárias de crack dos serviços de saúde, em um momento que deveria ser de potencialização do acesso e de longitudinalidade do cuidado (BOTELHO; ROCHA; MELO, 2013; CAMARGO; MARTINS, 2014; CHIQUETTO, 2018; CZERMAINSKI, 2017; KULIS *et al.*, 2006).

Restringindo-se o olhar para o perfil de mortalidade, a incidência de mortalidade neonatal/fetal por causas perinatais representa o principal contingente das mortes no primeiro ano de vida. Seus fatores causais encontram-se intimamente associados às condições de saúde da gestante e à qualidade dos cuidados prestados durante o pré-natal, o parto e o pós-parto e a assistência ao RN (BRASIL, 2010; LEAL *et al.*, 2018). Em relação à mortalidade materna, no Brasil morrem mil mulheres por ano, devido a complicações diretas e indiretas relacionadas à gravidez. As principais causas são: hemorragia, ruptura uterina, hipertensão e aborto realizado de forma insegura (LEAL *et al.*, 2018).

Ainda sobre o perfil de mortalidade materna, não existem estudos de base populacional no Brasil que permitam correlacionar às mortes maternas aos efeitos nocivos do uso de crack na fisiologia da gestação e nem aos eventos adversos relativos à dose, ao tempo de consumo, a idade gestacional (IG) e o sinergismo com outras substâncias. Alguns estudiosos atribuem essa situação a subnotificação do uso e do tipo de envolvimento da gestante com a droga e outros, a metodologia empregada nas investigações (levantamento domiciliar - o consumo de crack é um fenômeno do espaço público) e a escassez de pesquisas de causa e efeito, de intervenção e de estratégias de cuidado clínico e psicossocial (BOTELHO; ROCHA; MELO, 2013; CAMARGO; MARTINS, 2014; FIOCRUZ, 2017; FIOCRUZ, 2019; LIMBERGER *et al.*, 2016; RIBEIRO *et al.*, 2018).

Diante desse cenário, acrescentando a necessidade de acompanhar o desenvolvimento de toda a criança nos primeiros anos de vida e, particularmente, da criança exposta intraútero ao crack, esta pesquisa buscou analisar obras e publicações latino-americanas e caribenhas sobre os efeitos do consumo de crack no ciclo reprodutivo da mulher, gravídico-puerperal e na infância em longo prazo.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, estruturada na Revisão Integrativa (RI) da literatura, alicerçada em outras revisões (LIMBERGER *et al.*, 2016; MOREIRA *et al.*, 2015; RAMIRO; PODOVANI; TUCCI, 2014; RIBEIRO, M.C. *et al.*, 2018; RODRIGUES, V. *et al.*, 2013; RODRIGUES, A. *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2011; TEIXEIRA; ENGSTROM; RIBEIRO, 2017) e nas seguintes questões: qual a prevalência do uso de crack em mulheres em idade fértil e em grávidas no Brasil, América Latina e Caribe? Quais são os efeitos do consumo de crack no ciclo reprodutivo da mulher, na fisiologia da gravidez, do parto e do puerpério, no desenvolvimento físico e neurofisiológico do embrião/feto e neurocomportamental do neonato e da criança em longo prazo?

A busca por estudos que respondessem essas questões foi realizada na base de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na Scientific Electronic Library Online (SciELO) por intermédio de palavras-chave e de descritores registrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), em português do Brasil, de forma isolada ou combinada em equações de busca: crack; crack and gestação; crack and gravidez; crack and desenvolvimento fetal; crack and feto; crack and período perinatal; crack and período neonatal; crack and Recém-Nascido e crack and criança.

Os critérios de inclusão para a seleção dos estudos consistiram em artigos completos, monografias, resumos de dissertações e teses sobre a temática em questão, com menos de dez anos de publicação (janeiro de 2010 a junho de 2020), em português, inglês e espanhol. Critério de exclusão: duplicatas por palavras-chave e equações de busca, na base de dados e na biblioteca e entre a base de dados e a biblioteca.

A coleta de dados ocorreu durante o mês de abril de 2020, em um movimento de busca e outro de conferência dos resultados, na primeira semana de julho de 2020.

Na biblioteca da SciELO foram localizados 238 artigos com a palavra-chave crack, sendo 30 anteriores a janeiro de 2010 e duas duplicatas. Após as exclusões, contabilizadas em 32, procedeu-se a leitura de 206 títulos e resumos elegíveis. Destes, 47 não se referiram ao crack (droga), 154 não apresentaram relação direta com o objeto de pesquisa e cinco apresentavam. Com as equações de busca crack and gestação, observou-se quatro artigos e crack and gravidez, seis artigos e crack and criança, três.

Na base de dados LILACS, com a palavra-chave crack foram selecionadas 497 produções de um total de 569, após a exclusão das duplicatas na base de dados (27) e de estudos que não tratavam do tema (45). Com as equações de busca: crack and gestação: 39; crack and gravidez: 32; crack and desenvolvimento fetal: duas; crack and feto: sete; crack and período perinatal: seis; crack and período neonatal: seis e crack and Recém-Nascido: 19 e crack and criança: 43. Considerando-se o total de 651 publicações, 19 artigos apresentavam relação direta com o objeto de pesquisa. Desses 19, cinco já haviam sido computados na SciELO, sendo, então, descartados ($19 - 5 = 14$ publicações).

A amostra final estabeleceu-se em 19 artigos (14 na LILACS e cinco na SciELO) de um total de 825 títulos. Desses artigos foram extraídas informações sobre o(s) autor(es), o ano de publicação, o periódico, o objetivo, a metodologia, o número de participantes e os resultados dos estudos selecionado, formando um banco de dados ou de resultados com potencial para responder às perguntas norteadoras.

A avaliação ou análise crítica dos dados e das informações dos estudos selecionados foi norteadora pela relação (direta ou indireta) com o objeto de pesquisa. Em seguida, os resultados dos estudos foram interpretados e a síntese do conhecimento construída (BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO MATTOS, 2015).

RESULTADOS

O quadro 1 apresenta o levantamento da produção científica por palavras-chave e equações de busca, nas bases de dados SciELO e LILACS, considerando-se os critérios de exclusão. Notou-se uma produção científica incipiente sobre o tema no Brasil, demonstrada pelo baixo ou ausente número de publicações por palavras-chave e equações de busca na biblioteca SciELO. Na base de dados LILACS houve um número mais expressivo de publicações por palavras-chave e equações de busca.

Quadro 1 – Levantamento da produção científica por palavras-chave e equações de busca, na biblioteca e na base de dados

Palavras-chave e equações de busca	BASE DE DADOS				
	SciELO		LILACS		Total
	Total	Relação direta com o objeto de pesquisa	Total	Relação direta com o objeto de pesquisa	
Crack	159	05	497	14	656
Crack and gestação	04	00	39	00	43
Crack and gravidez	06	00	32	00	38
Crack and desenvolvimento fetal	00	00	02	00	02
Crack and feto	00	00	07	00	07
Crack and período perinatal	00	00	06	00	06
Crack and período neonatal	00	00	06	00	06
Crack and Recém-Nascido	02	00	19	00	21
Crack and criança	03	00	43	00	46
Total	174	05	651	14	825

Fonte: dados da RI. Elaborado pelos autores.

O quadro dois (2) apresenta os estudos selecionados por autor(es), ano de publicação, periódico, objetivo, metodologia, número de participantes e resultados.

Quadro 2 – Estudos selecionados por autor(es), ano de publicação, periódico, objetivo, metodologia, número de mulheres usuárias de crack por estudo e resultados

Autor(es)	Ano	Periódico	Objetivo	Método	Resultados
Costa e colab.	2012	J. bras. psiquiatr.	Conhecer o perfil sociodemográfico, clínico-obstétrico e o estilo de vida de 85 gestantes dependentes de crack em uma unidade de internação psiquiátrica.	*Quant. **n = 85	Idade média de aproximação com a droga: 21 anos. Tempo médio de uso: 36 meses. Pedras por dia: 20 pedras de <i>crack</i> - 20% das mulheres. Drogas associadas: tabaco (89,4%), álcool (63,5%) e maconha (51,8%). Soropositividade para HIV (15,3%) e para sífilis (8,2%). História de malformação fetal ou morte perinatal: 15,3%, associada a infecção materna pelo HIV e sintomas depressivos. Situação de rua (38,8%).
Gasparin e colab.	2012	Rev. soc. bras.fon.	Analisar o comportamento motor oral e global de RN expostos ao crack e/ou cocaína e verificar se há relação entre o desenvolvimento dos sistemas sensorio- motor oral e motor global.	Quant. n = 25	As respostas à avaliação da prontidão do RN a termo exposto ao crack para o início da alimentação oral sugerem que as respostas motoras orais estão alteradas pelo uso materno de crack/cocaína, manifestada por sinais de incoordenação da sucção/deglutição/ respiração e inconsistências na manutenção do ritmo de sucção. Quanto ao atraso no desempenho motor oral e global não houve diferenças entre os resultados dos RN expostos e não expostos, indicando e reforçando que o crack/cocaína como fator isolado não é capaz de provocar atrasos dos reflexos motores orais e globais.

Botelho, Rocha e Melo	2013	FEMINA	Apresentar e discutir o uso e/ou dependência de cocaína/crack durante a gestação, parto e puerpério imediato e suas consequências para a saúde da mulher e da criança.	Quanti. Revisão	Complicações maternas: descolamento prematuro da placenta, ruptura uterina, ruptura hepática, isquemia cerebral, infarto e morte. Em RN expostos intraútero: baixo peso ao nascer, restrição no crescimento e risco de morte súbita.
Kassada e colab.	2013	Acta paul. enferm.	Determinar a prevalência do uso de drogas de abuso por 394 gestantes na Atenção Básica.	Quanti. n = 02	Mais de 80% das gestantes não utilizavam drogas de abuso. Menos de 1% utilizavam crack.
Camargo e Martins	2014	Cad. Ter. Ocup. UFSCar	Conhecer o que está sendo estudado sobre os possíveis efeitos do uso de crack na gestação.	Quanti. Revisão	Danos e complicações clínicas da exposição pré-natal em curto prazo.
Cruz e colab.	2014	Texto contexto – enferm.	Caracterizar as condições sociodemográficas e os padrões de consumo de crack entre mulheres cadastradas na Estratégia de Redução de Danos de Pelotas-RS.	*** Quali. n = 16	Adultas, com baixa escolaridade e renda, sem trabalho formal, com pelo menos um filho. Padrão de consumo: abusivo.
Reis e Loureiro	2015	SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog	Identificar as repercussões neonatais decorrentes da exposição ao crack durante a gestação [...] e analisar o protocolo de atendimento [...] de acordo com a percepção de médicos e enfermeiros.	Quanti. n = 0	Boa vitalidade ao nascer; prematuridade; pequenos para a idade gestacional e alterações neurológicas: reflexo de Moro exacerbado, hiperatividade, irritabilidade, hipotonia, reflexo de sucção débil, letargia e tremores. Ausência de protocolo de atendimento institucional e nacional.
Oliveira e colab.	2016	Rev. bras. ginecol. obstet.	Comparar os resultados perinatais de gestantes que utilizaram drogas ilícitas com um grupo de não usuárias.	Quanti. n = 83	Ausência de pré-natal; Menor média de peso do RN ao nascer; exposição à sífilis materna e desenvolvimento de seps neonatal.

Limberger e colab.	2016	J. bras. psiquiatr.	Apresentar estudos brasileiros sobre o uso de crack em mulheres, no período de 2004 a 2014.	Quanti. Revisão	O uso associa-se ao maior risco de violência física e sexual, gravidez de risco e HIV/AIDS.
Marangoni e Oliveira	2015	Acta scientiar. Health sci.	Descrever a história de vida de uma mulher usuária disfuncional de drogas/crack e verificar fatores que a levaram à iniciação e manutenção do uso de drogas ao longo da vida.	Quali. n = 24	Comportamento aditivo, multiparidade, múltiplos parceiros, conflitos no núcleo familiar, violência doméstica, vínculo afetivo fraco com os filhos, além do envolvimento com o tráfico de drogas e conflitos com a Justiça. Fatores indutores e de manutenção do abuso: comportamento aditivo na família e relações conjugais e familiares conflituosas.
Mardini e colab.	2016	Trends psych./ psychoth	Comparar marcadores inflamatórios (IL-6 e IL-10) no sangue do cordão umbilical e no sangue periférico materno na hora do parto, entre expostos ao crack e não expostos.	Quanti. n = 57	A média de IL-6 e IL-10 foi significativamente maior nos RN expostos. Medidas pós-parto de IL-6 foram significativamente maiores em mulheres expostas, sem diferenças significativas para IL-10. Não houve correlação entre níveis maternos e neonatais de citocinas.

Mardini e colab.	2017	Rev. Bras. Psiquiatr.	Comparar os níveis de ácido tiobarbitúrico reativo substâncias e fator neurotrófico derivado do cérebro no sangue do cordão umbilical entre RN expostos intraútero ao crack/ cocaína e não expostos, bem como no sangue periférico materno no momento do parto.	Quanti. n = 57	A menor concentração do ácido tiobarbitúrico reativo no sangue de fetos expostos à cocaína/crack e a igual concentração no sangue periférico de mulheres expostas e não expostas indica que muito precocemente o feto exposto mobiliza rotas antioxidantes endógenas na presença de moléculas reativas de oxigênio. O nível de fator neurotrófico derivado do cérebro maior nos RN expostos e menor nas mulheres expostas sugere algum tipo de ação desse fator sobre as conexões neurais.
Parcianello e colab.	2017	Rev. Bras. Psicoter.	Verificar a correlação entre os níveis de Cocaine and Amphetamine Regulated Transcript (CART) sangue de cordão umbilical e periférico de mulheres no puerpério imediato.	Quanti. n = 57	Os níveis do CART no sangue materno e no sangue umbilical se correlacionam. No entanto, não foi possível determinar o papel do organismo materno e do fetal na ativação do antioxidante.
Xavier e colab.	2017a	Rev. Enf. UERJ	Conhecer a percepção de 18 puérperas usuárias de crack sobre a influência da droga na gestação e parto.	Quali. História Oral n = 18	Perda de peso e não produção de leite, além de aumento dos conflitos familiares. Associação do parto normal sem intercorrências ao consumo da droga, momentos antes do trabalho de parto.
Xavier e colab.	2017b	Invest. educ. enferm.	Conhecer as repercussões do uso de crack na gestação para o RN de acordo com o ponto de vista de quinze puérperas usuárias de crack e cinco avós.	Quali. História Oral n = 15	Prematuridade, malformação congênita, internação em unidade de tratamento intensivo, uso de tecnologias de cuidado, alimentação com fórmulas lácteas artificiais, abandono do RN, adoção por parentes ou institucionalização da criança.

Pereira e colab.	2018	Rev. Bras. Ginecol. Obstet.	Avaliar a relação entre o uso de substâncias psicoativas na gestação e a ocorrência de morbidade materna grave, resultados perinatais e repercussões no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças expostas.	Quanti. Caso controle n = 59	Não houve associação entre o uso de drogas na gestação e morbidade materna grave. Ocorrência de alguma complicação clínica na gestação pelo uso de cocaína/crack. Associação positiva entre o consumo de tabaco e alterações no desenvolvimento infantil e de álcool com a asfixia neonatal.
Ribeiro, J. e colab.	2018	Aquichan	Conhecer dificuldades e facilidades de puérperas usuárias de crack no cuidado ao RN.	Quali. n = 18	Dificuldades: abstinência da droga, aleitamento artificial, falta de apoio familiar, vigilância dos profissionais do Conselho Tutelar, pouca ou nenhuma habilidade para cuidar do RN, medo de ferir o bebê e falta de condições financeiras. Facilidades: temperamento do bebê, apoio da família, vizinhos e amigos, auxílio financeiro do companheiro e de familiares.
Rodrigues, A. e colab.	2018	Pesqui. Prát. psicós.	Levantar reflexões sobre o abuso [...] em especial o crack, no período gestacional e no desenvolvimento da criança.	Quanti. Revisão n = 0	Impacto do uso no desenvolvimento cerebral do feto, ocasionando dificuldades de aprendizagem e de atenção. Presença de fatores externos potencializadores de alterações no desenvolvimento cerebral.

Camargo e colab.	2019	Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)	Conhecer a visão da mulher usuária de crack em relação a experiência da maternidade.	Quali. n =5	O uso do crack não é o único fator que pode interferir na relação mãe e filho e na maneira como a mulher vivencia a experiência da maternidade, pois a vulnerabilidade, o histórico familiar, a relação com o companheiro, o planejamento da gestação e as redes de apoio social, impactam a experiência.
------------------	------	--	--	-------------	---

*Quanti. = Quantitativo

** n = número

*** Quali. = Qualitativo

Fonte: dados da RI. Elaborado pelos autores.

Os estudos selecionados foram publicados entre os anos de 2012 e 2019, com um leve predomínio, nos anos finais da década passada, em revistas especializadas em saúde mental, ginecologia/obstetrícia e enfermagem. Notou-se a prevalência de pesquisas de natureza descritiva e delineamento quantitativo, envolvendo 464 mulheres usuárias de crack inseridas nas camadas mais pobres da população.

A heterogeneidade entre os estudos e o alto risco de viés (nenhum estudo incluiu mulheres socialmente estruturadas) prejudicaram a aplicação de métodos e de procedimentos estatísticos para análise dos dados.

DISCUSSÃO

No Brasil, somente a partir do ano de 2011, restrito à produção de conhecimento “*stricto sensu*”, o crack surgiu como tema em pesquisas de qualquer natureza, no campo da saúde, que versavam, principalmente, sobre o perfil sociodemográfico dos consumidores, o risco associado a outros comportamentos deletérios e o tratamento. Essas pesquisas trouxeram como resultados gargalos importantes no atendimento da demanda no Sistema Único de Saúde (SUS), a necessidade de investimentos na atenção psicossocial comunitária, em Centros de Atenção Psicossocial (CAP) e na desconstrução de respostas institucionais e terapêuticas que caminhem na direção contrária a política de redução de danos (MEDEIROS, 2014; MOREIRA *et al.*, 2015; RODRIGUES *et al.*, 2012; SILVA *et al.*, 2014).

Os estudos selecionados demonstraram que as discussões sobre os efeitos do consumo de crack no ciclo reprodutivo da mulher, gravídico-puerperal e na infância em

longo prazo encontram-se distantes da documentação científica, das práticas clínicas e de atenção à saúde tanto do ponto de vista de uma agenda política universal, da promoção da autonomia e dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres quanto das representações sociais à respeito da gravidez e das implicações neuropsicofisiológicas e comportamentais do consumo de crack sobre o organismo materno, fetal e neonatal (BOTELHO; ROCHA; MELO, 2013; CAMARGO; MARTINS, 2014; UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC), 2016).

Observa-se que os RN expostos ao crack apresentam nascimento precoce, baixo peso ou peso moderadamente baixo ao nascer, instabilidade hemodinâmica, desequilíbrio ácido básico ou acidemia fetal patológica. Essas situações, os predisõem ao prolongamento do tempo de internação, a sofrerem intervenções terapêuticas frequentes e a maiores chances de eventos adversos em neonatologia, tais como: dosagem incorreta de medicação, flebites, lesões de pele e hematomas (COSTA *et al.*, 2012; CAMARGO; MARTINS, 2014; LANZILLOTTI *et al.*, 2016; OLIVEIRA *et al.*, 2016; REIS; LOUREIRO, 2015; RIBEIRO, M. *et al.*, 2018).

Em contrapartida, o único estudo longitudinal da amostra indica que não há associação positiva entre o uso materno de cocaína/crack e complicações clínicas neonatais. A asfixia neonatal relaciona-se ao uso de álcool e às alterações do desenvolvimento da criança de até cinco anos ao tabaco (PEREIRA *et al.*, 2018).

Focalizando-se a magnitude do problema no Brasil, os três únicos levantamentos nacionais sobre o uso de drogas na população não foram capazes de estimar com precisão a prevalência do consumo de crack entre os brasileiros e nem entre mulheres. Os pesquisadores envolvidos nos levantamentos afirmam que vieses relacionados aos métodos de coleta de dados, as crenças e aos comportamentos dos usuários em relação à autorreferência de consumo incidiram sobre os resultados. No último levantamento, com a aplicação de métodos indiretos de análise, a prevalência de usuários de crack e/ou similares (pasta-base, merla e oxi) ficou em torno de 1% nas capitais, sem diferenças estatisticamente significantes entre as macrorregiões do país. A informação mais próxima da prevalência por sexo registra o uso de crack e similares alguma vez na vida por 1,4% dos homens e 0,4% das mulheres entre 12 e 65 anos de idade (FIOCRUZ, 2017).

Assim como no Brasil, países das Américas e do Caribe não possuem dados e informações fidedignas sobre a prevalência de crack e/ou outras drogas por mulheres e gestantes. Nos Estados Unidos da América, em 2015, a Pesquisa Nacional sobre Uso de Drogas e Saúde mostrou que 4,7% das mulheres grávidas usavam substâncias ilícitas, sendo o tipo canabinóide o mais comum seguido pela cocaína (UNODC, 2016).

Em relação à iniciação ao consumo de crack, as mulheres brasileiras são apresentadas a droga pelo parceiro ou familiar do sexo masculino. A princípio, esses homens assumem o papel de fornecedores, influenciando a manutenção e imprimindo o padrão de consumo, até a instauração do abuso. Após, a intensidade do consumo diário entre as mulheres torna-se maior - em média 21 pedras/dia contra 13 pedras consumidas por homens, em decorrência de um maior poder de compra advindo da prostituição (FIOCRUZ, 2013; LIMBERGER *et al.*, 2016).

Nenhum estudo abordou o ônus social e os custos financeiros e humanos provenientes do prolongamento do tempo de internação da mulher e do neonato e da possível dependência de tecnologia para a sobrevivência, além dos erros e das complicações decorrentes de um cuidado não especializado e normatizado por meio de protocolos clínicos e de diretrizes terapêuticas.

Outra lacuna na produção científica analisada refere-se à participação da mãe/família no cuidado intensivo ao RN hospitalizado por complicações decorrentes da exposição ao crack apesar da literatura na área apresentar unanimidade quanto aos benefícios da participação da mãe/família na prevenção de eventos adversos associados ao cuidado profissional, na diminuição do tempo de internação, na promoção de boas práticas parentais, no compartilhamento das observações clínicas e comportamentais do RN e, principalmente, no estabelecimento de vínculo afetivo entre mãe, bebê e sua família (EXEQUIEL *et al.*, 2019; SOUSA *et al.*, 2017).

No entanto, nos serviços de saúde, perdura o desamparo institucional à mulher no ciclo gravídico-puerperal e práticas hospitalares que desautorizam as mães e afastam o pai, a família e as redes de apoio social, agravando o abandono da amamentação, e, posteriormente, do bebê, da criança e do adolescente (LAMY; SILVA, 2011). Acrescenta-se a esse contexto, o desamparo ético-moral, material e assistencial das puérperas usuárias de crack, que não se sentem preparadas e nem com a disposição necessária para realizar os cuidados com o bebê e muito menos livres para expressar aos profissionais de saúde sentimentos, frustrações, ideais e situações que fogem à norma por receio que elas não sejam suportadas por eles (RIBEIRO, J. *et al.*, 2018; XAVIER *et al.*, 2017b).

Diante de tal contexto, o modelo de atenção com ênfase psicossocial poderia potencializar as práticas profissionais e em saúde, pois o estabelecimento de vínculo entre a mulher e o profissional de saúde possibilitaria a tomada de consciência das diversas repercussões da história e do contexto de vida no modo de ser, de conviver e de fazer das pessoas. Nas palavras de Macedo e Machado (2016, p. 44) “[...] não só o modelo de atenção conforma práticas, mas a produção cotidiana pelos/as profissionais aos poucos influencia os

modelos [...] as práticas em saúde [...] são justamente uma construção cotidiana que articula diversos elementos e sujeitos”.

No que tange às políticas públicas norteadoras do cuidado e dos serviços de atenção materna e neonatal, não foram observadas diretrizes para a redução dos agravos resultantes do consumo de crack sobre a fisiologia da gestação, do parto e do puerpério e da adaptação à vida extrauterina, assim como ações para aumentar a segurança e a qualidade da assistência obstétrica e neonatal (ANVISA, 2014; BRASIL, 2012).

Em relação à vigilância do desenvolvimento da criança exposta ao crack, nenhum estudo teve como objeto o acompanhamento em programas de puericultura ou seguimento do RN de risco e nem o aprendizado. Fato esse que demonstra a desarticulação entre os níveis de atenção, a ineficácia das linhas de cuidado na promoção da integralidade da atenção à saúde da criança e a tomada de decisão tardia daqueles que respondem pela vigilância do desenvolvimento da criança (família, pais, profissionais de saúde, professores entre outros).

Por conseguinte, torna-se urgente a ampliação das fontes de dados sobre o uso de crack por mulheres a fim de que elas possam subsidiar um sistema de informação, processos de planejamento, de gestão, de avaliação de políticas públicas e de ações efetivas voltadas à saúde da mulher e materno-infantil. Acredita-se que censos e inquéritos fora dos domicílios possuem potencial para a elaboração de estimativas indiretas sobre o consumo de crack por mulheres e o impacto deste na gravidez. Quanto aos cálculos diretos à integração dos sistemas de informação da mortalidade materna, fetal e neonatal precoce pode promover uma maior compreensão do fenômeno, principalmente, em estados brasileiros com sub-registros de óbitos e de nascimentos; nascimentos fora do município de residência; falhas nos registros de natimortos e no preenchimento das causas de óbitos nas declarações de óbitos (BRASIL, 2014).

Torna-se urgente também, para a compreensão da realidade, ampliar o entendimento sobre os papéis do homem e da mulher nas fases naturais do ciclo reprodutivo e desconstruir o mito da boa mãe – aquela mulher abnegada, que luta pela garantia dos bons costumes familiares e pelo cuidado dos seus filhos sem restrições, desejos e aspirações. Esse mito afasta as mulheres, que saem desse padrão idealizado, da vida em sociedade e dos serviços de saúde (BADINTER, 2011; SANTOS *et al.*, 2020). O medo da rejeição e a culpa por não se encaixarem nos padrões socioculturais normatizam o silêncio nas práticas de cuidado.

Em estudos cujos resultados não permitem generalização, pois possuem o viés de serem desenvolvidos em maternidades do sistema público de saúde, encontra-se a prevalência de uso de crack em torno de 1,4 a 1,9%, assim como o perfil sociodemográfico de mulheres entre 20 a 30 anos de idade, inseridas nas classes socioeconômicas D e E, com

menos de quatro anos de estudo ou nenhuma escolaridade, múltiparas, com acesso reduzido aos serviços de cuidado e proteção social (CRUZ *et al.*, 2014; KUYAVA, 2013; MARANGONI; OLIVEIRA, 2015; MEDEIROS *et al.*, 2015, OLIVEIRA *et al.*, 2016; PEREIRA *et al.*, 2018; YABUUTI; BERNARDY, 2014).

Em relação às especificidades de gênero para o consumo de drogas entre mulheres, o risco para o uso crônico é diretamente proporcional ao grau de exposição da mulher, na infância e na adolescência, a figuras parentais consumindo drogas (KULIS *et al.*, 2006); as mulheres associam o estado de constante estresse físico e mental ao uso crônico de drogas, tendendo a reduzir a procura para o tratamento da dependência química ao longo da vida por desesperança, sentimentos de desvalia e de objetificação e por doenças crônicas incapacitantes, tal como a AIDS, além da presença de múltiplos estressores e eventos traumáticos, na transição da adolescência para a fase adulta, que podem determinar o uso contínuo e periódico (DANIULAITYTE; CARLSON, 2011; FERTIG *et al.*, 2016; GREENFIELD *et al.*, 2007; MARANGONI; OLIVEIRA, 2012, 2015; RIBEIRO *et al.*, 2006; RICHWIN; CELES, 2017; ROBERTSON; XU; STRIPLING, 2010).

À vista disso, tem-se uma explicação para o círculo vicioso que se manifesta nesse cenário, pois tudo aquilo que acontece no ambiente domiciliar e no local onde vivem crianças e adolescentes sob os cuidados de mulheres/mães, consumindo e comercializando drogas ou se distanciando do papel parental para consumir drogas, retorna diretamente a eles. Estudos de casos sobre papéis e representações parentais apontam estilo parental autoritário, padrão de relacionamento negligente e pouco afetivo com os filhos (BOTH; BENETTI, 2017; MARANGONI; OLIVEIRA, 2015). Infere-se que as representações parentais negativas associadas à falta de acesso à atenção psicossocial podem propiciar interpretações equivocadas da criança e do adolescente sobre si mesmo, perpetuando o círculo vicioso.

É importante lembrar que a placenta desempenha a função de filtro químico e mecânico, no qual chegam, pelo lado materno, substâncias que precisam ser selecionadas e transferidas para o feto, e, pelo lado fetal, substâncias que precisam ser eliminadas pelo organismo materno. A passagem dessas substâncias é mediada pela membrana placentária, que realiza a regulação molecular por meio de três variáveis: peso, polaridade e lipossolubilidade das moléculas. Existem moléculas com maior e menor afinidade com a membrana placentária. As moléculas da cocaína e do crack possuem afinidade e podem atravessar a membrana, em uma velocidade e fluxo de difusão ainda desconhecido pela ciência (CUNNINGHAM *et al.*, 2021).

Da mesma maneira, não se tem precisão de quais e de quantos prejuízos às substâncias psicoativas, no caso, a cocaína e o crack, agindo isolada ou sinergicamente com outras substâncias, poderiam causar a função placentária, a oxigenação fetal e a circulação

feto-placentária. O que é sabido é que efeitos isquêmicos agudos sobre o espaço interviloso ou sobre a própria circulação umbilical desencadeia a acidose fetal, que é capaz de provocar alterações neurológicas graves e permanentes, até a morte (BLICKSTEIN; GREEN, 2007; MADI *et al.*, 2010).

Nenhum dos estudos selecionados determinou a incidência ou quantificou o risco de alterações na fisiologia da gravidez, no desenvolvimento físico e neurofisiológico do embrião/feto e neurocomportamental do neonato e da criança em longo prazo. Observou-se que mesmo na vigência de fatores de risco para alterações neurológicas e de sinais de sofrimento fetal e de desequilíbrio do sistema ácido-básico fetal, os neonatos receberam alta hospitalar sem um minucioso exame neurológico, tomografia de crânio ou ultrassonografia transfontanelar e sem encaminhamento para acompanhamento do desenvolvimento neurológico e psíquico na Atenção Básica (MARDINI *et al.*, 2016; MARDINI *et al.*, 2017; PARCIANELLO *et al.*, 2017; PEREIRA *et al.*, 2018; REIS; LOUREIRO, 2015).

A RI não propiciou a compreensão da presença ou ausência de associações e de correlações entre os efeitos do consumo de crack na fisiologia da gravidez, no desenvolvimento físico e neurofisiológico do embrião/feto e neurocomportamental do neonato e da criança a dose diária ingerida pela mãe-mulher, ao tempo de consumo, a idade gestacional (IG) de exposição e ao sinergismo com outras substâncias. Apenas três estudos abordaram os efeitos fisiológicos da exposição do binômio (mãe/feto) à cocaína/crack, mas não apresentaram a descrição dos mecanismos desses efeitos (MARDINI *et al.*, 2016; MARDINI *et al.*, 2017; PARCIANELLO *et al.*, 2017).

Ainda em relação à elucidação dos mecanismos neurobiológicos relacionados com os efeitos cerebrais e sistêmicos da exposição da gestante e do embrião/feto à cocaína/crack no Brasil, o processo de extração da cocaína da folha da coca (*Erythroxylum coca*) é permeado pelo uso de substâncias de diversas naturezas que provocam a produção de impurezas que podem causar toxicidade inesperada e reações orgânicas indescritíveis. Quanto mais pobre a região, mais rudimentar é o processo de extração da cocaína e de dissolução do cloridrato de cocaína da folha da coca para a produção do crack (BRASIL, 2014; PECHANESKY *et al.*, 2007).

Infere-se que os modelos atuais de estudo de marcadores neurobiológicos não são suficientes para demonstrar/explicar os efeitos cerebrais e sistêmicos do crack, no organismo materno, fetal e da criança, pois não demonstram como isolar as substâncias deletérias presentes em uma pedra de crack e os metabólitos produzidos e inalados com a queima dela em latas de alumínio (forma comum de uso de crack no Brasil), nos desenhos dos estudos.

Ilustrando-se a presença das impurezas, sem levar em conta os impactos da presença delas no aparelho reprodutor, na membrana placentária e na composição do leite materno, resultados de dois estudos observacionais brasileiros mostram a presença de metal pesado e substâncias tóxicas, no sangue e em amostra de cabelos de usuários de crack. O primeiro estudo avaliou os níveis de alumínio sérico em 71 pessoas que fumam crack em lata de alumínio. Verificou-se nível de alumínio sérico acima do valor de referência em 18,3% da amostra e limítrofe em 73,2% (PECHANSKY *et al.*, 2007).

Já o segundo analisou amostras de cabelos de 100 pessoas dependentes de crack internadas em unidade de observação de 48 horas de um Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas em busca de adulterantes. Esses estavam presentes em 97% das amostras de cabelo analisadas. A lidocaína foi encontrada em mais de 90% das amostras, seguida pela fenacetina (69%) e a levamisol (31%) – substâncias em desuso por ocasionar efeitos e eventos adversos em humanos (RIBEIRO *et al.*, 2019).

Retomando-se os achados dos estudos selecionados, esses não foram capazes de estabelecer uma relação entre o consumo de crack por mulheres grávidas e as anormalidades neurológicas em longo prazo, como a paralisia cerebral e alterações neurosensoriais de diversas ordens. Até o momento, nenhum efeito significativo do consumo de crack na gestação, no parto e no puerpério pode ser demonstrado sem vieses e controle dos fatores de confusão da pesquisa, por exemplo, os relacionados à seleção da população/amostra (mulheres pobres), ao local de nascimento do RN (maternidades públicas) e ao uso de múltiplas drogas. Dessa forma, não só a generalização dos resultados fica comprometida quanto qualquer tentativa de readequação dos processos e dos modelos de assistência à saúde da mulher e da criança.

Vale ressaltar que incide sobre os processos de vida e de saúde das mulheres e das crianças pobres condicionantes e determinantes sociais, com potencial para agravar os efeitos deletérios do crack no organismo materno-infantil. Esses condicionantes e determinantes prejudicam a compreensão da realidade, sendo necessária a inclusão de simulações matemáticas nos desenhos de pesquisa, que considerem os efeitos deletérios do crack diante dos condicionantes e determinantes sociais e de saúde. Por conseguinte, utilizando as palavras de Camargo e Martin (2014, p. 179) “[...] podem ocorrer alguns danos devido à exposição pré-natal de crack [...], mas os efeitos em longo prazo ainda não podem ser comprovados, visto que os fatores externos ao uso da droga também podem estar diretamente relacionados a essas consequências (danos)”.

Este estudo apresentou como limitação a não comparação dos resultados da RI com resultados de revisões além do eixo Brasil, América Latina e Caribe. Por este motivo, não

foi possível identificar alguma relação entre a classe socioeconômica, a intensidade e a frequência de uso de crack em mulheres e nem as semelhanças e as diferenças quanto à prevalência do uso de crack por mulheres e por gestantes/lactantes/mãe, assim como os efeitos do consumo na fisiologia da gravidez, no desenvolvimento físico e neurofisiológico do embrião/feto e neurocomportamental do neonato e da criança e as estratégias para o enfrentamento desses efeitos a curto, médio e longo prazo pelos sistemas de saúde. Contudo, os resultados possuem potencial para colocar o assunto em pauta junto à agenda do poder público, da comunidade científica e civil, deslocando as discussões do campo do controle dos riscos e da criminalização das mulheres usuárias de crack para o do cuidado em saúde, especificamente, o do cuidado às condições crônicas de saúde.

Nessa perspectiva, valoriza-se a relevância social e científica de estudos voltados à avaliação de intervenções específicas a mulheres/gestantes/puérperas/mães usuárias de crack, para que elas tenham acesso a cuidados em saúde baseados em evidências. Sugere-se que pesquisas futuras abordem outros bancos de dados, analisando também a literatura internacional sobre o uso de crack em mulheres de outros países de baixa e média renda, onde o fenômeno apresenta maior complexidade.

CONCLUSÃO

A revisão não propiciou evidências sobre a prevalência do uso e do padrão de consumo de crack por mulheres e gestantes brasileiras, latino-americanas e caribenhas e nem sobre quais seriam as variáveis maternas, fetais e neonatais capazes de determinar efeitos e desfechos desfavoráveis à fisiologia da gestação, ao desenvolvimento neurofisiológico do feto e neurocomportamental do neonato e da criança a médio e longo prazo. Salienta-se que a ausência de marcadores sociais e biológicos dificulta a identificação da intensidade dos efeitos tóxicos e neurotóxicos do crack sobre o organismo materno-fetal e da resposta da ciência, da sociedade e dos sistemas de saúde a esses efeitos.

Observou-se com a sistematização dos resultados dos estudos selecionados, a notória ausência de pesquisas experimentais e sobre o uso das tecnologias do cuidado ao trinômio (mãe-conceito-criança) exposto ao crack. Os estudos indicam que o cuidado é prestado sem a devida mobilização das tecnologias leves e duras, sem a preocupação com a normatização de práticas, de técnicas e de procedimentos, desconsiderando que grande parte dos agravos relacionados ao consumo de crack por mulheres pode ser contornada e até mesmo evitada por mudanças comportamentais, apoio social e construção de projetos de vida.

É preciso ter em mente que as mulheres, grávidas e puérperas, de qualquer nível socioeconômico, que consomem crack possuem as mesmas necessidades de apoio familiar

e institucional, de proteção do feto/criança, de relações de confiança com os profissionais de saúde como qualquer outra gestante ou puérpera. A reprodução de uma lógica de cuidados orientada pela objetividade positivista clínica, considerando predominantemente ou exclusivamente os aspectos orgânicos e clínico-epidemiológicos, em curto prazo, não repercute na vida cotidiana dessas mulheres e as afastam, bem como a sua prole, dos serviços de saúde. Por conseguinte, as possibilidades de vigilância da saúde e do desenvolvimento da criança, de estimulação precoce e de avaliação psíquica vão se mitigando e as sequelas neurológicas se instalando.

Face ao exposto, torna-se imperioso determinar a prevalência do uso de crack em mulheres grávidas de países de baixa e média renda e os efeitos do consumo na fisiologia da gravidez e no desenvolvimento fetal/neonatal e da criança em longo prazo, bem como os desafios para o exercício da sexualidade, da maternidade e dos projetos de vida por mulheres que consomem crack, a fim de que a sociedade, os gestores e os profissionais de saúde apoiem às políticas públicas que caminhem em direção a uma abordagem menos repressiva, calcada nos direitos humanos, nas especificidades de gênero, nas necessidades sociais e de saúde dessas mulheres, no diagnóstico precoce, na estratégia de redução de danos e na longitudinalidade do cuidado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, R. A. *et al.* Ritual de consumo do *crack*: aspectos socioantropológicos e repercussões para a saúde dos usuários. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 10, p. 2909-2918, out. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n10/v18n10a15.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

ANTUNES, M. B. *et al.* Desfecho perinatal em gestantes usuárias de drogas atendidas em um centro especializado **SMAD**, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 4, p. 211-218, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000400004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2021.

BADINTER, E. **O Conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011. 196 p.

BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO MATTOS. **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu: Faculdade de Ciências Agrônômicas UNESP Campus de Botucatu, 2015. 9 p. Disponível em: <tipos-de-evisao-de-literatura.pdf> (unesp.br). Acesso em: 15 jul. 2021.

BLICKSTEIN, I.; GREEN, T. Umbilical cord blood gases. **Clin Perinatol.**, Philadelphia, v. 34, n. 3, p. 451-459, set. 2007. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0095510807000401?via%3Dihub>. Acesso em: 06 jun. 2021.

BOTELHO, A. P. M.; ROCHA, R. C.; MELO, V. H. Uso e dependência de cocaína/crack na gestação e puerpério. **FEMINA**, Belo Horizonte, v. 41, n. 1, p. 23-32, jan./fev. 2013. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2013/v41n1/a3777.pdf>. Acesso em: 06 set. 2020.

BOTH, L. M.; BENETTI, S. P. C. As representações parentais em crianças institucionalizadas filhos de usuária de crack. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 277-305, jan.-abr. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/34999/25542>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de orientações sobre o transporte neonatal**. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Atenção à saúde do recém-nascido: guia para os profissionais de saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 4 v.: il.

CAMARGO, P. O.; MARTIN, M. F. D. Os efeitos do crack na gestação e nos bebês nascidos de mães usuárias: uma revisão bibliográfica. **Cad. Ter. Ocup. UFSCAR**, São Carlos, v. 22, p.173-181, 2014. Suplemento Especial. Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2014.042>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CAMARGO, P. O. *et al.* O enfrentamento do estigma vivido por mulheres/mães usuárias de crack*. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 4, p. 196-202, dez. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2021.

CAMARGO, P. O. *et al.* A experiência da maternidade em mulheres usuárias de crack: vivência entre mãe e filho. **Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)**, v. 11, n. 5, p. 1272-1277, out.-dez. 2019. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/7496/pdf_1. Acesso em: 06 jun. 2021.

CHIQUETTO, C. M. Puérperas com história de uso de cocaína/crack: percepção da assistência recebida na gestação e no puerpério /Camila Maria Chiquetto. -- São Paulo , 2018 57 f. TCC Especialização (Residência Multiprofissional em Neonatologia - Psicologia) - Universidade de Santo Amaro, 2018 Orientador(a): Ms. Paula Oliveira Silva, Coorientador(a): Ms. Elisa Chalem.

COSTA, G. M. *et al.* Pregnant crack addicts in a psychiatric unit. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 8-12, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852012000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jun. 2021.

CRUZ, M. S.; VARGENS, R. W.; RAMÔA, M. L. **Supera**: Efeitos de substâncias psicoativas: Módulo 2. 5 ed. Brasília: UNIFESP, 2014.

CRUZ, V. D. *et al.* Condições sociodemográficas e padrões de consumo de crack entre mulheres. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 23, n. 4, p. 1068-1076, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000401068&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jun. 2021.

CUNNINGHAM, G.F. *et al.* **Obstetrícia de Williams**. Tradução: André Garcia Islabão, Mariana Villanova Vieira, Tiele Patricia Machado. Revisão técnica: José Geraldo Lopes Ramos, Sérgio H. Martins-Costa, Edimárlei Gonsales Valério. 25. ed. Porto Alegre: AMGH, 2021.

CZERMAINSKI, F. R. *et al.* Assessment of inhibitory control in crack and/or cocaine users: a systematic review. **Trends Psychiatry Psychother.**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 216-225, sept. 2017. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-60892017000300216&lng=en&nrm=iso. Access on: 08 jun. 2021.

EXEQUIEL, N. *et al.* Vivências da família do neonato internado em unidade de terapia intensiva. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 89, n. 27, 27 set. 2019. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/466>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FERTIG, A. *et al.* Mulheres usuárias de crack: Conhecendo suas histórias de vida. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 310-316, jun. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000200310&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jun. 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ. **Estimativa do número de usuários de crack e/ou similares nas Capitais do País**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://ds-sbr.org/site/2013/10/estudo-da-fiocruz-estima-alcance-do-crack-nas-capitais-brasileiras/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ. **III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>. Acesso em: 12 ago. 2020.

GASPARIN, M. *et al.* Comportamento motor oral e global de recém-nascidos de mães usuárias de crack e/ou cocaína. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 459-463, dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342012000400016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jul. 2021.

KASSADA, D. S. *et al.* Prevalência do uso de drogas de abuso por gestantes. **Acta Paul. Enferm**, São Paulo, v. 26, n. 5, p. 467-471, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v26n5/a10v26n5.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

KESSLER, F.; PECHANESKY, F. Uma visão psiquiátrica sobre o fenômeno do crack na atualidade. **Rev. Psiquiatr RS**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 96-98, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v30n2/v30n2a03.pdf>. Acesso: 06 set. 2020.

KULIS, S.; OKAMOTO, S. K.; RAYLE, A. D. Social Contexts of Drug Offers Among American Indian Youth and Their Relationship to Substance Use: An Exploratory Study. **Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology**, Minneapolis, v. 12, n. 1, p. 30-44, 2006.

KUYAVA, A. C. S. **O cotidiano de gestantes usuárias de crack**. 2013. 78 f. Dissertação (mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77936/000898333.pdf?sequence=1>. Acesso em: 06 jun. 2021.

LAMY, Z. C; SILVA, A. A. M. da. Saúde da criança e do adolescente em perspectiva. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 10, p. 3976, out. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011001100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 maio 2021.

LANZILLOTTI, L. S. *et al.* Eventos adversos e incidentes sem dano em recém-nascidos notificados no Brasil, nos anos 2007 a 2013. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 9, e00100415, set., 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2016000905010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 jun. 2021.

LEAL, M. C. *et al.* Saúde reprodutiva, materna, neonatal e infantil nos 30 anos do Sistema Único de Saúde (SUS). **Cien Saude Colet.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, jun. 2018. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/saude-reprodutiva-materna-neonatal-e-infantil-nos-30-anos-do-sistema-unico-de-saude-sus/16716?id=16716>. Acesso em: 16 jun. 2021.

LIMBERGER, J. *et al.* Women users of crack: systematic review of Brazilian literature. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 82-88, Mar. 2016. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852016000100082&lng=en&nrm=iso. Access on: 12 June 2021.

MACEDO, F. S. de; ROSO, A.; LARA, M. P. de. Mulheres, saúde e uso de crack: a reprodução do novo racismo na/pela mídia televisiva. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 1285-1298, dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000401285&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 jun. 2021.

MACEDO, F. S.; MACHADO, P. S. Economia moral e modelos de atenção no cuidado com gestantes que usam crack. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 109, p. 34-46, jun. 2016. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042016000200034&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 10 jun. 2021.

MARDINI, V. *et al.* IL-6 and IL-10 levels in the umbilical cord blood of newborns with a history of crack/cocaine exposure in utero: a comparative study. **Trends Psychiatry Psychother.**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 40-49, Mar. 2016. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-60892016000100040&lng=en&nrm=iso. Access on: 12 June 2021.

MARDINI, V. *et al.* TBARS and BDNF levels in newborns exposed to crack/cocaine during pregnancy: a comparative study. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 263-266, Sept. 2017. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462017000300011&lng=en&nrm=iso. Access on: 10 June 2021.

MARANGONI, S. R.; OLIVEIRA, M. L. F. Uso de crack por múltipara em vulnerabilidade social: história de vida. **Cienc Cuid Saude**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 166-172, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/ccs/v11n1/21.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2020.

MARANGONI, S. R.; OLIVEIRA, M. L. F. Women users of drugs of abuse during pregnancy: characterization of a series of cases. **Cienc Cuid Saude**, Maringá, v. 37, n. 1, p. 53-61, Jan.-Mar., 2015. Disponível em: www.periodicos.uem.br. Acesso em: 10 jun. 2021.

MARQUES, A. C. P. R. *et al.* Abuso e dependência: Crack. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 138-140, mar./abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v58n2/v58n2a08.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

MARTINS-COSTA, S. H. *et al.* Crack: a nova epidemia obstétrica. **Rev HCPA**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 55-65, jan./mar. 2013. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-687603>. Acesso em: 06 jun. 2021.

MEDEIROS, K. T. *et al.* Vivências e Representações sobre o Crack: Um Estudo com Mulheres Usuárias. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 3, p. 517-528, dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000300517-&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 jun. 2021.

MEDEIROS, R. Construção social das drogas e do crack e as respostas institucionais e terapêuticas instituídas. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 105-117, mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000100105&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 jun. 2021.

MOREIRA, M. R. *et al.* Uma revisão da produção científica brasileira sobre o crack - contribuições para a agenda política. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1047-1062, abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000401047&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 jun. 2021.

OLIVEIRA, T. A. *et al.* Perinatal Outcomes in Pregnant Women Users of Illegal Drugs. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 4, p. 183-188, Apr. 2016. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032016000400183&lng=en&nrm=iso. Access on: 16 June 2020.

PARCIANELLO, R. R. *et al.* Comparação dos níveis séricos da Cocaine and Amphetamine Regulated Transcript (CART) entre sangue de cordão umbilical e sangue periférico em gestantes usuárias de crack. **Rev. Bras. Psicoter. (Online)**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, abr. 2017. Disponível em: www.rbp.celg.org.br. Acesso em: 10 jun. 2021.

PECHANSKY, F. *et al.* Brazilian female crack users show elevated serum aluminum levels. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 39-42, Mar. 2007. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462007000100012&lng=pt&nrm=iso. Access on: 27 jun. 2021.

PECHANSCKY, F. *et al.* **Supera**: O uso de substâncias psicoativas no Brasil: Módulo 1. 5 ed. Brasília: UNIFESP, 2014.

PEREIRA, C. M. *et al.* Drug Use during Pregnancy and its Consequences: A Nested Case Control Study on Severe Maternal Morbidity. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 9, p. 518-526, Sept. 2018. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032018000900518&lng=en&nrm=iso. Access on: 21 June 2021.

RAMIRO, F. S. *et al.* Women Crack Users, Pregnancy and Motherhood: Potential Periods for Health Care. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 34, e34425, 2018. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722018000100524&lng=pt&nrm=iso. Access on: 06 jun. 2020.

RAMIRO, F. S.; PADOVANI, R. C.; TUCCI, A. M. Consumo de crack a partir das perspectivas de gênero e vulnerabilidade: uma revisão sobre o fenômeno. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 101, p. 379-392, jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042014000200379&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 jun. 2020.

REIS, F. T.; LOUREIRO, R. J. Neonatal repercussions of exposure to crack during pregnancy. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 4, p. 217-224, dez. 2015a. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762015000400006&lng=pt&nrm=iso. Access on: 12 June 2021.

REIS, F. T.; LOUREIRO, R. J. The use of crack during pregnancy and their biopsychosocial and spiritual repercussions. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 2, p. 105-111, jun. 2015b. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762015000200007&lng=pt&nrm=iso. Access on: 29 June 2021.

RIBEIRO, J. P. *et al.* Puérperas usuárias de crack: dificuldades e facilidades enfrentadas no cuidado ao recém-nascido. **Aquichan**, Bogotá, v. 18, n. 1, p. 32-42, jan. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-59972018000100032&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2021.

RIBEIRO, M. *et al.* Causes of death among crack cocaine users. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 196-202, Sept. 2006. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000300010&lng=pt&nrm=iso. Access on: 27 June 2021.

RIBEIRO, M. C. L. *et al.* Cuidado de mulheres usuárias de crack na gestação: revisão bibliográfica. **SMAD, Rev. eletrônica saúde mental álcool drog**; v. 14, n. 2, p. 0029-0029, jan.-mar. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 jun. 2021.

RIBEIRO, M. *et al.* Adulterants in crack cocaine in Brazil. **Trends Psychiatry Psychother.**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 186-190, jun. 2019.

RICHWIN, I. F.; CELES, L. A. M. Diógenes e o corpo “fabricador de drogas”: o estatuto do corpo no uso abusivo de crack e nas situações de precariedade e vulnerabilidade social. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 465-480, jul. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142017000300465&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jun. 2021.

RODRIGUES, D. S. *et al.* Conhecimentos produzidos acerca do crack: uma incursão nas dissertações e teses brasileiras. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, p. 1247-1258, maio 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000500018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 jun. 2021.

RODRIGUES, V. S. *et al.* Revisão sistemática sobre tratamentos psicológicos para problemas relacionados ao crack. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, p. 208-216, set. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852013000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jun. 2021.

RODRIGUES, A. P. *et al.* Como o crack e outras drogas podem influenciar no desenvolvimento de crianças que foram expostas durante o período gestacional. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del Rei, v. 13, n.1, p. 1-13, jan.-abr. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v13n1/08.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SILVA, L. S. *et al.* Caracterização da produção científica da enfermagem brasileira sobre crack: uma revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 28, n. 1, p. 86-95, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6960/8711>. Acesso em: 06 jun. 2021.

SILVA, É. B. O.; PEREIRA, A. L. F; PENNA, L. H. G. Estereótipos de gênero no cuidado psicossocial das usuárias de cocaína e crack. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 5, e00110317, maio. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000505004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2021.

SILVA, R. E.; QUEIROZ, S. S. de. Amotivação para a interrupção ou uso de crack em gestantes e puérperas. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 18, n. 3, p. 39-50, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692018000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 jun. 2021.

SANTOS, G. C. *et al.* O consumo de crack por mulheres: uma análise sobre os sentidos construídos por profissionais de consultórios na rua da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 10, p. 3795-3808, out. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020001003795&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 jun. 2021.

SOUSA, F. C. P. *et al.* Family participation in patient safety in neonatal units from the nursing perspective. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e1180016, 2017. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000300314&lng=en&nrm=iso. Access on: 21 June 2021.

SULZER, D. How Addictive Drugs Disrupt Presynaptic Dopamine Neurotransmission. **Neuron**, v. 69, n. 4, p. 628-649, feb. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2011.02.010>. Acesso em: 20 jun. 2021.

TEIXEIRA, M.B; ENGSTROM, E. M.; RIBEIRO, J. M. Revisão sistemática da literatura sobre crack: análise do seu uso prejudicial nas dimensões individual e contextual. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 112, p. 311-330, mar. 2017.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). **World Drug Report 2016**. New York: UNITED NATIONS, 2016.

VERNAGLIA, T. V. C.; VIEIRA, R. A. M. S.; CRUZ, M. S. Usuários de crack em situação de rua – características de gênero. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1851-1859, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csc/v20n6/1413-8123-csc-20-06-1851.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2021.

XAVIER, D. M. *et al.* Percepção de mulheres usuárias de crack sobre a influência da droga na gestação e parto. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 25, p. e13697, mar. 2017a.

XAVIER, D. M. *et al.* Use of crack in pregnancy: repercussions for the newborn. **Invest. educ. enferm**, Medellín, v. 35, n. 3, p. 260-267, oct. 2017b. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/iee/issue/view/2779>. Acesso em: 05 jun. 2021.

WEICH, T. M.; TOCHETTO, T. M.; SELIGMAN, L. Potenciais evocados auditivos de tronco encefálico de ex-usuários de drogas. **Braz. j. otorhinolaryngol.**, São Paulo, v. 78, n. 5, p. 90-96, out. 2012.

YABUUTI, P. L. K.; BERNARDY, C. C. F. Perfil de gestantes usuárias de drogas atendidas em um centro de atenção psicossocial. **Rev. baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 38, n. 2, p. 344-356, abr./jun. 2014.

ZAVASCHI, M. L. S. *et al.* Socio-demographic and clinical characteristics of pregnant and puerperal crack-cocaine using women: preliminary data. **Arch. Clin. Psychiatry**, São Paulo, v. 41, n. 5, p. 121-123, 2014. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832014000500121&lng=en&nrm=iso. Access on: 26 June 2021.